

Título
Benjamim e Piatã

Autor
© Nanda Borghetti

Ilustrações
© Olga Neves

Coordenação da Edição
© Alfarroba

Design
Alfarroba

Impressão e Acabamento
Diário do Minho

ISBN
978-989-9068-09-4

Depósito Legal
483 821/21

Data da Edição
Maio 2021

*Aos meus filhos:
João Gabriel e Maria Flor.*

uma edição da Alfarroba

Largo São João n.º 16 A, 1.º
2890-028 Alcochete
telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Está proibida a reprodução total ou parcial da obra, sem a prévia autorização pela editora.





Eu sou o Benjamim
Sou português e vivo em Portugal.
Se alguém perguntar por mim
Apresento-me assim e ponto final.

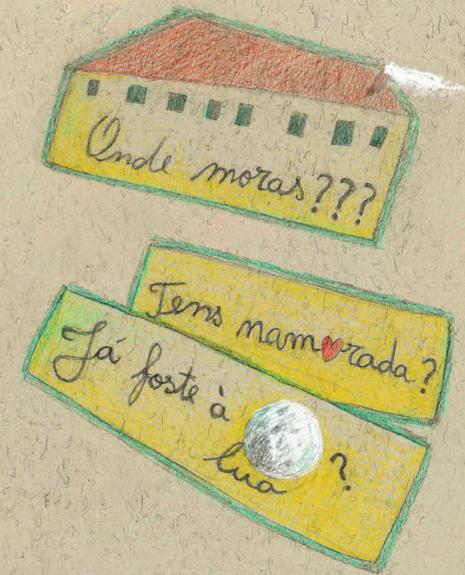
Mas as pessoas querem saber sempre mais qualquer coisa:
Idade, escola, cor favorita,
Se tenho namorada...
Tanta pergunta esquisita.

Para mim, a idade é um número;
A escola é um lugar;
Cor favorita? Se tenho namorada?
Ui, onde isso irá chegar?

No primeiro dia de aulas, eu já estava a contar;
Do interrogatório não me iria livrar.
Sempre fui calado e observador
Mas nesse dia revelei-me um belo contador.

No momento da minha apresentação
Fiz o maior figurão.
Resolvi não fazer o normal
E fiz um discurso pra lá de especial.
Decidi falar sobre a minha viagem
Onde muitas palavras novas aprendi
Até me perdi na contagem
Foi tanta coisa que vivi!

Talvez tenha aprendido mais de mil...
E fui só ao Brasil.





Ainda no avião
Eu lembrei-me de perguntar
Que língua lá iríamos falar.
Eu não era poliglota, mas aprendia com facilidade
Mas o meu pai descansou-me...
Disse que era a mesma língua
Sem nenhuma novidade.

Tal não foi o meu espanto, quando lá cheguei
Foi tanta informação nova, não sei como não pirei.

Pirei é como no Brasil dizem «ficar maluco, tontinho, xexé».
Palavra nova, diferente das nossas
Ah, pois é!

O meu pai tem a mania de que é espertalhão,
Mas desta vez ele não tinha razão.

Parecia outra língua, eu tinha de me esforçar para entender
Jamais poderia acreditar no que estava a ouvir e a ver...

Falavam que o Brasil era um país irmão
Que a língua materna era igual,
Mas havia muita coisa que não
O que o tornava ainda mais especial.

No Brasil dizem que sou um menino levado da breca
Em Portugal diz-se um diabrete.
Uma criança mexida e esperta
Que corre e salta feito pivete.

Pivete, foi outra palavra que eu aprendi.
Que não é muito usada por aqui.
«Aqui» é como eles dizem «cã»
Tanta palavra nova, pra decorar quase não dá.





Também contei as minhas aventuras
Com o meu novo amigo
De quem fiquei fã
O seu nome era Piatã.
Quando os meus colegas ouviram
Todos riram.
Acharam diferente e quiseram saber mais
Tive de explicar a origem, falar sobre os índios, sobre as florestas e os animais.

Mas o mais engraçado estava pra acontecer
Quando eu convidei o Piatã
Pra jogar e correr...

Sugeri-lhe:
«Vamos jogar o jogo da macaca?»
E ele começou a imitar um chimpanzé
Ri-me tanto que quase não conseguia ficar em pé.
Doía-me a barriga, nem conseguia falar
Mas, claro, ao Piatã eu tinha de explicar.

– Piatã, não é nada disso.
O jogo da macaca é aquele com os números desenhados no chão...
Que pulamos ao pé-coxinho.
Que atiramos uma pedra
E andamos saltinho por saltinho.